

## Os Estilos da Moda

### *The Fashion styles*

Flávia Cecília da Silva Medeiros  
Mestranda em Psicologia – *Unifor*, Brasil  
flaviacecílias@hotmail.com

MSc. Cyntia Tavares Marques de Queiroz  
Universidade Federal do Ceará, Brasil  
cyntiatavares@yahoo.com.br

#### **Resumo**

A contemporaneidade fez florescer várias perspectivas nos campos intelectuais, políticos, epistemológicos e estéticos, incluindo, nesse último, a moda e a arte. Rompeu-se com vários discursos modernos, dentre eles, a crença na existência de um eu estável e de uma ordem universal. Esse trabalho destaca a moda atual como um fenômeno que incorpora diversas manifestações em uma existência plural.

**Palavras Chave:** moda, contemporâneo, arte.

#### **Abstract**

The contemporary made several perspectives in intellectual fields, political, epistemological and aesthetic, including fashion and art. This moment broke up with various modern discourses, among them, the belief in a self stable existence and a universal order. This work shows the current fashion as a phenomenon that incorporates various manifestations in a plural existence

**Keywords:** fashion, contemporary, art.

#### **Introdução**

A experiência individual, de acordo com Sarti (2004), inscreve-se em um campo de significações coletivamente elaborado. Esta afirmação pode ser constatada também no campo da moda que, no sistema pós-moderno que a conhecemos, diz respeito ao espaço, a questão do outro, do grupo, do indivíduo integrante de um coletivo que almeja ser reconhecido. Assim, a forma como o vestuário, os acessórios e os demais adornos são utilizados pode definir o lugar que o sujeito ocupa no social, bem como denunciar sua própria sociedade. Portanto, olhar através desse campo é também abrir a possibilidade de percepção dos reflexos das manifestações tanto sociais, quanto psíquicas, políticas, econômicas, culturais e estéticas de uma época (Santaella, 2004).

## **Os efeitos da Modernidade e Pós-Modernidade na Moda**

Durante muitos séculos, o ato de vestir tinha como pano de fundo a perpetuação da tradição. As sociedades, com valores arraigados à ancestralidade e ao coletivo, acabavam por inibir o aparecimento da moda como a conhecemos. Mesmo que se utilizasse de trajes específicos, enfeites e pinturas corporais, esses eram artefatos provenientes da continuidade social, da reprodução dos modelos herdados do passado.

Somente no nascimento do “indivíduo soberano”, entre o Humanismo renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII, foi possível o nascimento da moda. Esse momento, apontado pelos estudiosos de moderno, representa uma significativa ruptura com o passado, onde o valor do coletivo predominava sobre o valor individual. Como afirma Hall (2011), nesse novo contexto do sistema social, o sujeito, antes coletivo, agora é individual, singular, distinto e único, ele está “inscrito em cada um dos processos e práticas que fizeram o mundo moderno” (Hall, 2011, p.28).

O novo pensamento moderno possibilitou o nascimento e a expansão da moda. Ou seja, se o sistema social permitia e até estimulava a individuação, vestir-se com peculiaridades, e não somente como tradição, passou a ser prática cultivada e desejada. A moda ratifica-se como um fenômeno social, como tantos outros, que responde, entrelaça-se, reafirma e questiona sua época, sua cultura e seus ditos.

Com efeito, tal fenômeno também não ficou intacto ao novo remodelamento social a advir, no período intitulado pós-modernidade. Segundo Bhabha (1998), a história humana é marcada por grandes deslocamentos sociais e o desenrolar da pós-modernidade também é reflexo de um desses processos de deslocamento. Para Hall (2011), surge, nesse momento, uma concepção mais social do indivíduo.

A partir do final do século XIX, aquela visão mecanicista do mundo, que era decorrente do paradigma cartesiano-newtoniano, base natural de todas as ciências, começou a perder o seu poder de influência como teoria que fundamenta a ocorrência dos fenômenos naturais (MORAES, 1997), dando início a uma ruptura entre o mundo moderno e o contemporâneo.

Segundo Guba & Lincoln (1991), o paradigma científico parece ter servido bem às ciências ditas “duras”, mas não se aplicou de forma eficiente às ciências sociais, uma vez que pressupunha que o pesquisador não teria nenhuma influência nos fenômenos investigados e nem que estes teriam influência sobre o investigador.

Estas percepções de falência do então paradigma, e de entendimento de que aqueles pressupostos da era moderna não conseguiriam explicar a complexa realidade atual, resultou em uma virada paradigmática. Trata-se de uma crise social que vai reverberar nas formas de nos comunicarmos e de nos relacionarmos no mundo. Lyotard e Baudrillard (1986,1987) vão denominar este momento histórico de pós-modernidade, compreendendo-o como uma negação ao período anterior.

Assim, neste contexto da pós-modernidade o sujeito está descentralizado. Na medida em que as sociedades se tornam mais emaranhadas, elas adentram mais na coletividade, como pontua Gallo:

Para além de qualquer objetividade, para além de qualquer ‘vontade de verdade’, é a multiplicidade de olhares, a multiplicidade de afetos sobre um mesmo objeto. (Gallo, 2006,P.561)

Se por um lado o pensamento moderno se destacou pela busca do conhecimento científico; o sujeito foi moldado para ser racional e individual, um ser pensante as voltas com as verdades únicas; e a razão tornou-se o Deus supremo, perpetuada nas palavras de Descartes, “penso logo existo”. Por outro, em um contexto de ruptura, a pós-modernidade re-significa o homem e as suas relações.

### **A Pós-Modernidade, as Artes e a Moda**

O novo, de novo, é uma época na história que inicia no século XX. Segundo Peters (2000), trata-se de um tempo onde floresce um conjunto de perspectivas que abrangem diversos campos intelectuais, políticos, estéticos e epistemológicos. A princípio, o termo pós-modernismo pode ser utilizado para se referir, especificamente, às transformações nas artes, com destaque para a arquitetura. Peters (2000) afirma que estas mudanças trazem consigo noções de pureza e abstração, mas que não se limitam à arte. Como afirma Bhabha (1998), os novos acontecimentos invadem os demais campos que envolvem o homem:

O significado mais amplo da condição pós moderna reside na consciência de que os limites epistemológicos daquelas ideias etnocêntricas são também as fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissonantes, até dissidentes. BHABHA, 1998, P.26)

Desta forma, o movimento do pensamento contemporâneo busca romper com vários discursos modernos. A crença na existência de um eu estável e de uma ordem universal, proveniente do iluminismo, é excessivamente restrita para lidar com os novos atravessamentos. Ou seja, as metanarrativas estão repletas de lacunas que não abarcam o novo sujeito.

No discurso pós-moderno o sujeito é compreendido no escopo social emergente e passa a ser “visto como mais localizado e “definido” no interior dessas grandes estruturas [...] sustentadoras da sociedade” (Hall, 2011, p.30).

Para tanto, o modo de pensar precisou passar por um processo de tensionamento das metanarrativas. Foi imprescindível distanciar-se das crenças relacionadas à verdade, ao conhecimento e poder anteriores. Segundo Latour (1994), nosso tecido contemporâneo não é mais inteiriço e por isso se torna impossível uma narrativa universal. Desse modo, os discursos tiveram que sofrer um processo de desconstrução e, a partir disso, serem reerguidos sobre outras bases. Em outras palavras, os fundamentos pós-modernos emergiram calcados na descentralização do sujeito, na crítica à verdade universal e com ênfase na pluralidade da interpretação.

Nesse contexto, parece claro o movimento que desfila no pensamento dos pós-estruturalistas, pois o discurso filosófico também passa por uma renovação. O sistema teórico se revigora e, literalmente, amplia seu campo de visão permitindo rever a temporalidade social e, então, admitir a inscrição de novas histórias. Como esclarece Peters (2000), o até então pensamento vigente do estruturalismo exigia certa centralização, própria do humanismo, já o pós-estruturalismo é multidisciplinar. Esse último apresenta-se por meio de muitas e diferentes correntes. Como completa Rose (2001, p.141), “você é mais plural do que pensa”.

Neste contexto, reflete-se sobre o lugar da moda neste novo remodelamento. Enquanto fenômeno social, como ela reflete tal contexto?

Como questiona as narrativas centradas no indivíduo? Sua passarela dá conta da multiplicidade? Seus alinhavos permitem brechas?

Seria improvável reconstituir as relações, os fenômenos sociais e a cultura sem recorrer aos modos de pensar do período. Nesse sentido, a(s) nova(s) moda(s) emergem após o profundo mergulho nos novos discursos e pensamento contemporâneo. Somente a partir das mudanças na experiência social pós-moderna, das transformações que questionam amplamente, conjuntos comumente aceitos de significação e explicação social. Apenas assim, o fenômeno social chamado moda tem a possibilidade de se fundamentar como múltipla, da mesma forma que o movimento do pensamento contemporâneo.

Quando o discurso tendia a universalizar as diferentes histórias das nações, raças e comunidades, assim refletia a moda, como ilustra a história do filme sobre a vinda da princesa Carlota Joaquina ao Brasil. O estilo único francês se torna hegemônico mesmo em locais onde a sensatez não admitiria. Como foi possível o uso de longos trajes da França, berço da moda, em um país tropical como o Brasil? Como foi possível experimentar um estilo único diante de perspectivas tão peculiaridades? Mas, à medida que os discursos se transformavam, a moda se reconstruía. Na mesma velocidade que a crítica da verdade única avançava, o estilo de interpretar da moda tornava-se plural, permitindo, enfim, o aparecimento de novos desfiles, específicos e peculiares. Como esclarece Bhabha:

Cada vez mais as culturas “nacionais” estão sendo produzidas a partir da perspectiva das minorias destituídas [...] A moeda corrente do comparativismo crítico, ou do juízo estético, não é mais a soberania da cultura nacional. (Bhabha, 1998, p.46)

O olhar único, na contemporaneidade, ficou démodé. É preciso desfilar por diferentes e diversas passarelas com o intuito de cruzar fronteiras, responder demandas. A moda francesa não corresponde mais a gama de necessidades, assim como a narrativa filosófica moderna não consegue mais lidar com a pluralidade.

Os seres humanos são interpelados, representados e influenciados como se fossem eus de um tipo particular [...] motivados por ansiedades e aspirações a respeito de sua auto – realização, comprometidos a encontrar suas verdadeiras identidades e a

maximizar a autêntica expressão dessas identidades em seus estilos de vida (Rose, 2001, p.140).

Dessa maneira, o processo da moda alcança novos patamares. O estilo exclusivo se perde nas prateleiras. É preciso reinventar e invenção é o prato principal da moda. Cria-se o estilo de vida romântico, sensual, casual, alternativo, *hippie*, dentre outros. No vestuário o babado denota romantismo, vermelho sensualidade, matéria prima derivada do algodão casualidade, etc. A partir dessa gama de signos o mercado se segmenta, com o intuito de suprir a diversidade. O magazine Renner divulga em propaganda: “Você tem seu estilo, nos temos todos”. A rede de lojas Riachuelo divulga que sua missão é: “Permitir que as pessoas se expressem cada vez mais através da moda”. E, assim a moda “pensa” auxiliar o individuo no processo de expressão de sua(s) identidade(s) e de solidificação social. Entretanto fica a questão, será possível que estilos pré-determinados e cristalizados supram tamanha multiplicidade?

### **Considerações Finais**

No contexto da Pós-Modernidade, há espaço para se falar em diferentes estilos, ancorados no discurso de liberdade de expressão. Contudo, se o imaginário coletivo percebe a moda como livre, mas prende-se ao que a mídia e as empresas divulgam como tendência, percebe-se que, em um novo contexto e com diferentes significações, o coletivo permanece presente no estabelecimento velado do que se deve vestir. Há uma falsa percepção de que tudo é possível, de que não há amarrações quando, em verdade, as pessoas estão absolutamente consumidas pelas informações advindas dos grandes centros de moda do mundo. Neste sentido, as grandes redes de lojas não fazem falsas promessas, quando afirmam oferecer produtos que satisfaçam a todos os estilos, pois estão atentas às prospecções dos novos cenários, e, ao mesmo tempo, estabelecem discursos midiáticos que possibilitam que o indivíduo se sinta único.

### **Referências**

Bhabha, H.K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

Gallo, S. **Modernidade/pós-modernidade**: tensões e repercussões na produção de conhecimento em educação. *Educação e Pesquisa (USP)*, v. 32, p. 551-565, 2006.

Hall.S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2011.

Latour, B. **Jamais fomos modernos**. Ensaio de Antropologia Simetrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

Petters, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**: uma introdução. Belo Horizonte: autêntica, 2000.

Rose, N. **Inventando nossos eus**. In: T.T. Silva (org.). Nunca fomos humanos. Nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Santaella, L. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

Sarti, C. A. **A família como ordem simbólica**. São Paulo: USP, 2004.